

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

A PREVENÇÃO COM BEBÊS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA¹

Simoni Antunes Fernandes², Emanuel Dos Santos³, Mylena Wichinheski⁴, Taina Amorim Marques⁵.

¹ Projeto de Extensão realizado no curso de psicologia da UNIJUÍ

² Professora do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUÍ

³ Bolsista voluntário do Projeto de Extensão em atenção à saúde da criança da Unijuí, aluno do curso de psicologia da Unijuí.

⁴ Bolsista voluntária projeto de Extensão de Atenção à Saúde da Criança, aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

⁵ Bolsista voluntária no projeto de Extensão em Saúde da Criança da Unijuí, aluna do curso de psicologia da Unijuí.

Introdução

Esta escrita trata de apontar algumas ideias acerca da prevenção de problemáticas no desenvolvimento infantil, a partir de sinais de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor de bebês com seis meses. Para tanto é discutido o protocolo de aplicação para prevenção de risco no desenvolvimento com bebês organizado pelo grupo interdisciplinar de Atenção à Saúde da Criança que faz parte do programa de extensão alocado no Departamento de Ciências da Vida da UNIJUÍ. A partir dos marcos do desenvolvimento infantil baseados na leitura de Coelho (1999) que são verificados nas Escolas de Educação Infantil do Município de Ijuí, é discutido os aspectos psicológicos que podem ser verificados nos bebês em constituição de sua subjetividade. Este debate é alicerçado no referencial teórico da psicanálise. O presente trabalho justifica-se pela importância de inserir os acadêmicos em atividades interdisciplinares que tem como foco principal o reconhecimento e a prevenção de transtornos do desenvolvimento nos primórdios da vida, para assim construir estratégias em estimulação precoce.

Metodologia

Pesquisa bibliográfica despertada pelo trabalho de bolsistas voluntários no Projeto de Extensão em Atenção à Saúde da Criança.

Resultados e Discussões

De acordo com a psicanálise um bebê é caracterizado por uma total dependência ao seu entorno, necessitando dele para que suas conquistas neuropsicológicas se organizem. É através de um protagonismo que o bebê vai respondendo às marcas discursivas do ambiente que está inserido, podendo assim realizar as demandas neuropsicomotoras correspondente ao seu desenvolvimento evolutivo. Através dos marcos de conquistas neuropsicomotoras que os profissionais que se ocupam da infância podem verificar se esse desenvolvimento corresponde às demandas neurológicas da criança em constituição. Os marcos utilizados pelo Projeto de Extensão em Atenção à Saúde da Criança da UNIJUÍ para bebês de seis meses são os seguintes: senta com apoio, iniciando sem apoio; localiza o som lateral a partir de um estímulo; muda de decúbito; tem preensão palmar voluntária; fala consoantes e sílabas repetidas, reconhece quando se dirige a ele, virando a cabeça em direção ao que lhe interessa.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

Estes marcos são verificados através da aplicação de protocolos em Escolas de Educação Infantil do Município de Ijuí e tem como objetivo detectar precocemente fatores de risco no desenvolvimento de bebês. Através de uma perspectiva psicanalítica, estas conquistas no desenvolvimento serão organizadas para o bebê somente se houver um entorno que as potencialize. O desenvolvimento precisa, além da maturação, de estímulos ambientais, ou seja, as funções que se apóiam em um processo de maturação neurológica, aperfeiçoam-se, desenvolvem-se, sofrem influências ambientais e se organizam em um núcleo constituído pelo psiquismo. O entorno social é importante para a criança desenvolver suas habilidades.

A resposta de localização do som lateral quando o bebê é estimulado diz de um amadurecimento importante do Sistema Nervoso Central, onde o bebê articula a audição a um movimento motor intencional de virar a cabeça. Porém, mesmo com condições neurológicas para realizar tal conquista, se o bebê não for convocado a esse ato, se não há uma voz que provoque seu olhar, percebemos bebês passivos no interesse do mundo externo. O bebê se seduz pela voz do Outro. Sobre a voz que encanta, Catão (2008, p.34) afirma que:

O que interessa à pequena criança na voz do outro cuidador, mais que o sentido das palavras que ela ainda não compreende, é uma certa entonação, uma certa música da voz (...) a voz porta um investimento libidinal que o Outro materno faz no bebê. Em um engano necessário e estruturante, o bebê se toma pelo objeto do interesse do cuidador. Ele se toma pela causa do espanto e do prazer que escuta na voz do outro (Outro). E isto é fundamental para que ele aceite o convite a participar, alienando-se, no campo da linguagem.

O convite em participar da linguagem instaura no bebê a possibilidade de aventurar-se em crises subjetivas que serão necessárias à constituição de seu mundo interno. Segundo Dolto (2004, p.27-29), o ato de atribuição subjetiva para com o bebê é sustentado a partir do discurso a ele dirigido. Isto se opera a partir dos encontros inter-humanos. É através de uma trama de relações intersubjetivas que permite a criança estruturar-se como sujeito humano. São através das palavras dirigidas ao bebê, na suposição de que ali há alguém que demande algo, que deseje, que a subjetividade se constitui.

A voz que encanta é a daquela que também escuta, empresta sentido aos sons que vem da criança. Também é aquela que sabe calar-se para que o bebê se manifeste. É nessa alternância que se produz o sujeito, incluindo-o no campo da linguagem. Mas não basta somente a linguagem operar. Faz-se necessário o olhar. Palavras jogadas ao ar sem direção a outrem não tem efeito subjetivante. O bebê já produz sons, falando consoantes e sílabas repetidas, porém esses sons devem ser atrelados à uma produção do bebê enquanto sujeito de seu enunciado.

Quanto as características posturais, o bebê de seis meses já deve ter adquirido o controle cefálico, obtendo ganhos significativos como ficar sentado com apoio. O desaparecimento dos reflexos primitivos também ocorre, mostrando uma evolução neurológica importante. Quanto aos reflexos, Jerusalinsky (2002, p.80) nos aponta que um bebê é depositário de tão grandiosas esperanças de realização ao mesmo tempo em que está absolutamente despreparado para viver. Temos aí uma desproporção e é diante de tal desproporção que a infância transcorre: entre a insuficiência das condições reais do bebê e o que já aparece para ele antecipado como potência a partir da estrutura, sem que tenha ainda condições simbólicas e reais para realizar. Conforme a autora é o corpo do bebê dominado por reflexos arcaicos que está em cena e precisa ser marcado com gestos e palavras

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

para ser subjetivado. Nesta perspectiva, recobrir o corpo da criança com marcas subjetivas está implicado na função das figuras parentais e no seu entorno. Assim para que o bebê se aventure nas conquistas motoras faz-se necessário um ambiente que o convoque a tal realização.

Imaginemos o filhote do homem dos primeiros tempos, um punhado de reflexos capaz de dar conta somente de necessidades muito básicas: se faltarem certos elementos em seu organismo, o sistema transborda e se desencadeia o choro. Este choro é um efeito imediato, “natural”, digamos assim, do modo pelo qual o sistema produz um movimento de alarme. O adulto encarregado entende o choro como uma mensagem, como um chamado; nesse movimento é capaz de transformar um movimento natural em um enunciado que instaura a base de toda comunicação possível. Conhecemos os efeitos produzidos pela não resposta, gerando o abandono de qualquer tentativa de relação com o outro (BLEICHMAR, 2006, p. 16).

Somos seres de linguagem, efeito do discurso do outro. Falar ao bebê, não com palavras que caem em vazio, mas apostando que ali haja um sujeito é o que permite o desenrolar de tramas subjetivas importantes para a constituição psíquica e para suas conquistas evolutivas. Dolto (1999) nos mostra que a relação com o outro para ter efeito subjetivante, tem de ser tanto corporal quanto linguageira. “Eis que podemos entender que tudo é linguagem, e que a linguagem, em palavras, é o que há de mais germinativo, mais fecundante, no coração e na simbólica do ser humano que acaba de nascer” (DOLTO, 1999, p.20). A autora sublinha a necessidade que o bebê tem de uma história e da narração da mesma, de alguém que o escute no mais profundo de si mesmo. O bebê tem necessidade do adulto para receber o que emana dele.

Escutar e falar aos bebês se articula construindo assim um espaço narrativo. Escutar e dar sentido ao que emana do bebê o retira de uma condição de organismo reflexo e o coloca como protagonista de suas relações com o outro. Assim, articular ações que visem o desenvolvimento global da criança é tarefa importante de quem se ocupa da primeira infância.

Conclusão

A partir dos marcos do desenvolvimento neuropsicomotor é possível realizar trabalhos de intervenção precoce com bebês que possam estar em risco de atraso no desenvolvimento. As habilidades conquistadas no transcurso do desenvolvimento apresentam uma maturação neurológica evolutiva e necessitam de um entorno que as estimule. Bebês desassistidos por esse entorno podem por em risco a aquisição dessas habilidades, bem como a não presença delas podem refletir uma claudicação da estruturação do mundo interno na primeira infância. A prevenção opera assim não somente voltada para conquistas motoras como também para os risco de patologias psíquicas precoces que colocam em risco a saúde mental dos pequenos.

Palavras chave:

Bebês - linguagem - prevenção – neuropsicomotor

Agradecimentos

A VRPGPE da Unijuí que viabiliza a Extensão Universitária através do financiamento do projeto: Programa da Atenção à Saúde da Criança. E á todos que acreditam e apostam nas nossas crianças.

Referencias Bibliográficas

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Extensão

BLEICHMAR, Silvia. As condições de humanização. In: A ética na atenção ao bebê: psicanálise, saúde e educação. Org. Rosely Gazire Melgaço e Claudia Mascarenhas Fernandes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. P. 15-25.

CATÃO, Inês. Bebês órfão, abandonados e adotivos: um outro olhar sobre a questão. In: KUPFER, Maria C. e TEPPERMAN, Daniela (orgs). O que os bebês provocam nos psicanalistas. São Paulo: Escuta, 2008. P. 31-41.

COELHO, M,S. Avaliação neurológica infantil nas ações primárias de saúde. São Paulo: Atheneu, 1999.

DOLTO, Françoise. A imagem inconsciente do corpo. Tradução: Noemi Moritz e Marise Levy. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Tudo é Linguagem. Tradução de Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JERUSALINSKY, Julieta. Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Ágalma, 2002. Coleção Calças Curtas, n. 3.